

O SANATÓRIO DE CURICICA COMO LUGAR DE MEMÓRIA E SEU VALOR PATRIMONIAL:

Uma contribuição de Sergio Bernardes para o Patrimônio Moderno da Saúde

*THE CURICICA SANATORIUM AS A SITE OF MEMORY AND ITS HERITAGE VALUE:
A Contribution by Sergio Bernardes to Modern Health Heritage*

*EL SANATORIO DE CURICICA COMO LUGAR DE MEMORIA Y SU VALOR
PATRIMONIAL:*

Una Contribución de Sergio Bernardes al Patrimonio Moderno de la Salud

Thaysa Malaquias de Mello

Mestre em Arquitetura, Programa de Pós-Graduação em Arquitetura da Universidade Federal do Rio de Janeiro (PROARQ – UFRJ), thaysa.malaquias@fau.ufrj.br

Ana M. G. Albano Amora

Professora Associada, Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal do Rio de Janeiro (PROARQ/FAU – UFRJ), aaamora@fau.ufrj.br

RESUMO

O artigo aborda o Sanatório de Curicica, projetado pelo arquiteto brasileiro Sergio Wladimir Bernardes e inaugurado em 1952 na cidade do Rio de Janeiro. O programa arquitetônico do Sanatório seguiu as premissas técnicas elaboradas pelo Serviço Nacional da Tuberculose no contexto da Campanha Nacional Contra a Tuberculose (CNCT) e incorporou os princípios da arquitetura moderna, enfatizando eficiência, baixo custo e manutenção econômica. Objetivamos analisar a obra como um marco na Arquitetura Moderna de Saúde, explorando o Valor Patrimonial do conjunto, bem como sua concepção enquanto um Lugar de Memória da Saúde a partir de autores como Alois Riegl, Françoise Choay e Pierre Nora, dentre outros, destacando seu papel na história da luta contra a tuberculose no Brasil. O estudo identifica várias dimensões de valor nesse contexto, tais como a importância do complexo como resultado de um processo social, a contribuição para princípios de racionalidade projetual e construtiva na arquitetura hospitalar moderna, e o seu papel como referência histórica na atuação dos arquitetos modernos no combate à tuberculose. Além disso, o artigo enfatiza a relevância do Sanatório de Curicica para os estudos de arquitetura, como um monumento moderno e um documento que fornece dados relevantes sobre o desenvolvimento da arquitetura hospitalar e da saúde pública no Brasil.

PALAVRAS CHAVE: Sanatório de Curicica; Arquitetura Moderna de Saúde; Sergio Bernardes; Patrimônio; Lugar de Memória.

ABSTRACT

The article addresses the Curicica Sanatorium, designed by Brazilian architect Sergio Wladimir Bernardes and inaugurated in 1952 in the city of Rio de Janeiro. The architectural program of the Sanatorium followed the technical premises elaborated by the National Tuberculosis Service in the context of the National Campaign Against Tuberculosis (CNCT)

and incorporated the principles of modern architecture, emphasizing efficiency, low cost, and economic maintenance. Our objective is to analyze the work as a milestone in Modern Health Architecture, exploring the Heritage Value of the complex, as well as its conception as a Place of Health Memory, drawing on authors such as Alois Riegl, Françoise Choay, and Pierre Nora, among others, highlighting its role in the history of the fight against tuberculosis in Brazil. The study identifies several dimensions of value in this context, such as the importance of the complex as a result of a social process, the contribution to principles of design and constructive rationality in modern hospital architecture, and its role as a historical reference in the work of modern architects in combating tuberculosis. In addition, the article emphasizes the relevance of the Curicica Sanatorium for architectural studies, as a modern monument and a document that provides relevant data on the development of hospital architecture and public health in Brazil.

KEYWORDS: Curicica Sanatorium; Modern Health Architecture; Sergio Bernardes; Heritage; Place of Memory.

RESUMEN

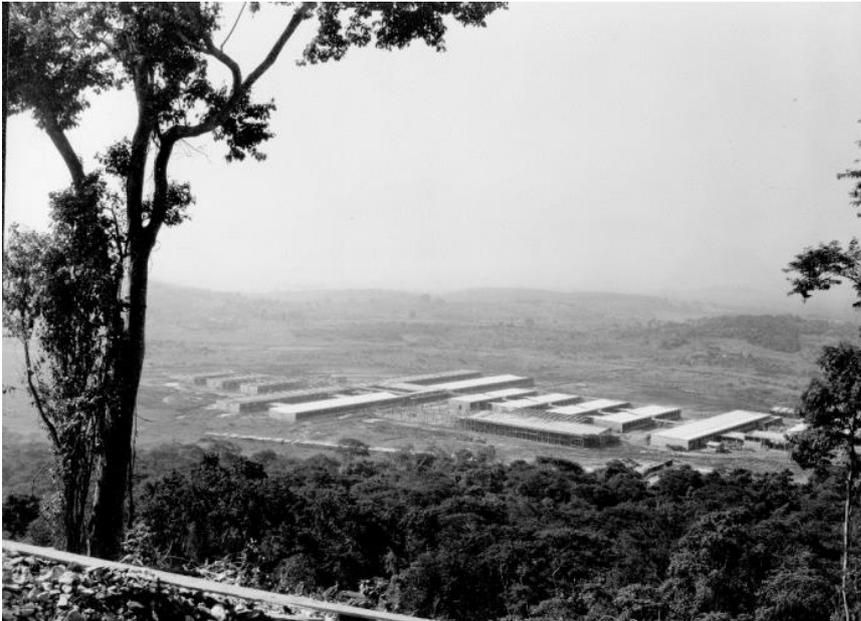
El artículo aborda el Sanatorio de Curicica, diseñado por el arquitecto brasileño Sergio Wladimir Bernardes e inaugurado en 1952 en la ciudad de Río de Janeiro. El programa arquitectónico del Sanatorio siguió las premisas técnicas elaboradas por el Servicio Nacional de Tuberculosis en el contexto de la Campaña Nacional Contra la Tuberculosis (CNCT) e incorporó los principios de la arquitectura moderna, enfatizando la eficiencia, bajo costo y mantenimiento económico. Nuestro objetivo es analizar la obra como un hito en la Arquitectura Moderna de la Salud, explorando el Valor Patrimonial del complejo, así como su concepción como un Lugar de Memoria de la Salud, recurriendo a autores como Alois Riegl, Françoise Choay y Pierre Nora, entre otros, destacando su papel en la historia de la lucha contra la tuberculosis en Brasil. El estudio identifica varias dimensiones de valor en este contexto, como la importancia del complejo como resultado de un proceso social, la contribución a principios de racionalidad de diseño y constructiva en la arquitectura hospitalaria moderna, y su papel como referencia histórica en el trabajo de arquitectos modernos en la lucha contra la tuberculosis. Además, el artículo enfatiza la relevancia del Sanatorio de Curicica para los estudios de arquitectura, como un monumento moderno y un documento que proporciona datos relevantes sobre el desarrollo de la arquitectura hospitalaria y la salud pública en Brasil.

PALABRAS CLAVES: Sanatorio de Curicica; Arquitectura Moderna de la Salud; Sergio Bernardes; Patrimonio; Lugar de Memoria.

INTRODUÇÃO

Formado em 1948 pela Faculdade Nacional de Arquitetura da Universidade do Brasil, atual Universidade Federal do Rio de Janeiro, o arquiteto brasileiro Sergio Wladimir Bernardes (1919-2002) conseguiu projeção internacional ao longo de sua carreira estudando novos materiais e buscando inovar em diferentes aplicações os já existentes. Fez parte de uma segunda geração de arquitetos que se dedicou a projetar edifícios para a área de saúde. Geração esta que já teria conquistado relativa autonomia neste campo, impondo o processo de produção arquitetônica sobre os pressupostos da medicina. Nos dois anos que sucederam sua formatura, Bernardes se tornou chefe do Setor de Arquitetura da Campanha Nacional Contra a Tuberculose (CNCT), frente ao Serviço Nacional da Tuberculose. Projetou então uma de suas primeiras obras: O Conjunto Sanatorial de Curicica (Figura 1), atualmente conhecido como Hospital Raphael de Paula Souza, foi inaugurado em 1952, situado na Baixada de Jacarepaguá, da cidade do Rio de Janeiro.

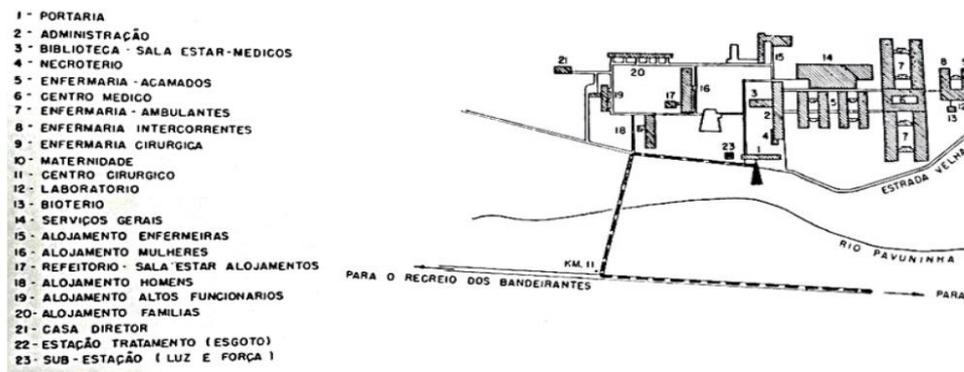
Figura 1: Implantação do Sanatório de Curicica na época de sua construção



Fonte: Acervo DAD/Fiocruz.

Seu programa arquitetônico (Figura 2) seguiu as premissas técnicas elaboradas pela SNT, cujas recomendações gerais seguiam o estudo e a padronização da construção de sanatórios e dispensários tipo “Campanha”, pois se previa que a doença estaria erradicada em alguns anos: eficiência, baixo custo e manutenção econômica, sem que perdessem suas qualidades técnicas e funcionais. Essa experiência possibilitou a Sergio Bernardes pôr em prática as ideias de um jovem arquiteto moderno, uma vez que elas contemplavam as premissas de higiene, ausência de ornamentos, racionalidade projetual, construtiva e funcionalidade, inerentes às edificações sanatoriais (NASCIMENTO, et al.2002).

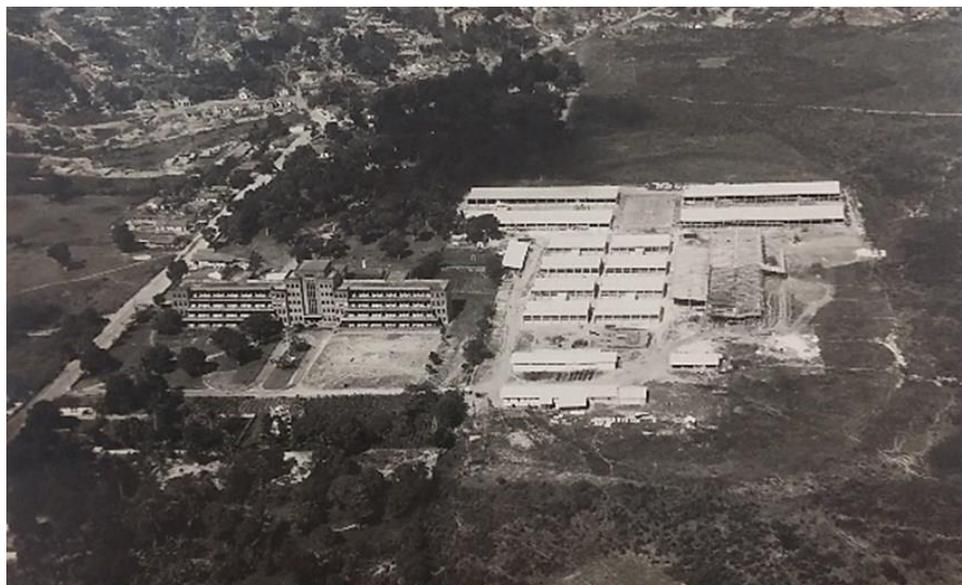
Figura 2: Implantação da Inauguração.



Fonte: Revista Brasileira de Tuberculose, v.19, 1951. Acervo da Biblioteca Walter Mendes.

A busca pela economia e agilidade na construção dos edifícios levou à padronização dos elementos construtivos, com o uso da técnica de pré-fabricação. O projeto para a construção desse conjunto foi, segundo Tania Mara Motta Bittencourt (2000), o mesmo utilizado para a construção do Sanatório de Sancho (Figura 3), sendo um anexo ao edifício sanatorial já construído anteriormente. Essa autora ainda afirma que se encontram pranchas de um mesmo desenho com a identificação dos dois sanatórios. Nesses projetos adotou-se o tradicional sistema de pavilhões de um pavimento que se espalham por uma extensa área verde, embora pelo mundo este sistema já estivesse em pleno desuso (COSTA, 2011). Entretanto, reconhecia-se nesta tipologia um fator importante para o tratamento da tuberculose pulmonar.

Figura 3: Fotografia da obra do Sanatório de Sancho, 1956 e atualmente, como Hospital Otávio de Freitas, Tejió. Recife, PE.



Fonte: Acervo Raphael de Paula Souza, DAD-Fiocruz.

Dentre as características da obra, seu método construtivo, que consistia em peças de concreto armado pré-fabricadas *in loco* (Figuras 4 e 5), foi apontado pela Revista Brasileira de Tuberculose (v.19, 1951) como muito vantajoso para o vigor da obra e para seu custo-benefício. Segundo artigo publicado na mesma revista, “Dentro de características arquitetônicas modernas e possuindo processos construtivos especiais, representa a mais alta escala alcançada pela ‘ Campanha’, na construção de hospitais pavilhonares” (p.207).

Figura 4 e 5: Fotografias da construção do Sanatório de Curicica e seus elementos pré-fabricados no canteiro de obras.



Fonte: Acervo Raphael de Paula Souza, DAD-Fiocruz.

A sua importância histórica como patrimônio moderno da saúde vem sendo estabelecida desde 2007 com a sua inclusão no Inventário Nacional do Patrimônio Cultural da Saúde, desenvolvido nacionalmente pela Casa de Oswaldo Cruz - COC, da FIOCRUZ. Foi também realizado pelo município seu processo de tombamento como patrimônio, iniciado em 2003, que permaneceu estagnado entre as diferentes gestões, tendo sua retomada em 2019, após as celebrações e exposições do centenário do arquiteto Sergio Bernardes. A obra também foi incluída no inventário do Docomomo Internacional, o chamado *Homework 2012*, cujo tema foi arquitetura hospitalar.

Este Conjunto se caracteriza como um marco na Arquitetura de Saúde, pois nele está presente o que foi a atuação autônoma dos arquitetos na construção deste campo profissional, introduzindo novas questões para a racionalização estética, construtiva e projetual, como princípios de humanização e de conforto ambiental. Por tratar-se de um complexo hospitalar de arquitetura moderna, buscou-se entender as características das edificações do conjunto enquanto tal, mas também estudá-las enquanto documento de uma forma de fazer arquitetura moderna e sanatorial, sobretudo após perceber a metodologia adotada por Bernardes partindo dos princípios da arquitetura moderna e das premissas da CNCT. Discutiremos, neste artigo, questões referentes ao valor deste conjunto enquanto Patrimônio Histórico e Cultural, bem como um Lugar de Memória da Saúde.

DESENVOLVIMENTO

O Sanatório de Curicica e seu Valor Patrimonial

Quando tratamos de valor na arquitetura hospitalar, devemos primeiramente entender como esta constituiu-se e quais as simbologias e significados adquiridos por ela com o passar dos anos. Roberto Segre (2013) explica em seu artigo que o tema da saúde teve seu destaque desmerecido diante de outros temas, como habitação, assuntos institucionais, esporte, lazer, dentre outros, por manter-se muito tempo em um imaginário social como um local de representação da morte.

Segundo o autor, ainda que nele também nasçam novas pessoas, novas vidas, a figura do hospital atemoriza e remete a um estado de vulnerabilidade do ser humano. Ele afirma que, “[...] além disso, a definição da particularidade do edifício pouco teve a ver com as decisões dos usuários; no caso, a organização funcional foi sempre determinada pelos médicos, e a forma condicionada pela cultura arquitetônica de cada período” (SEGRE, 2013).

Segre (2013) assevera que, até o século XX, o hospital enquanto objeto arquitetônico não tinha uma personalidade formal própria, tendo sua função mimetizada com outras como, por exemplo, os conventos, ou sendo caracterizado pelos estilos acadêmicos dominantes da época. Aponta que a partir de uma valorização expressiva da racionalização e funcionalidade, o Movimento Moderno identificou neste tema complexo uma linguagem tipológica com certa liberdade formal e espacial que superava as rígidas determinações da estrutura interna definida até então somente pelos médicos.

Já Beatriz Colomina (2014) observa que o sucesso generalizado da arquitetura moderna ocorreu por meio de sua associação com a saúde, conforme o seu papel de combater doenças no âmbito internacional, como no caso da tuberculose. A autora afirma que “a campanha de publicidade da arquitetura moderna foi organizada em torno de crenças contemporâneas sobre a tuberculose e medos da doença” (p.32)

Quanto aos partidos formais, as mudanças nas tipologias dessas edificações, assim como nos programas arquitetônicos, estiveram interligadas e refletiram o estado e as conquistas na ciência e na medicina de cada época. Tais mudanças demandaram um atendimento às novas necessidades no tratamento dos pacientes, assim como a adequação dos espaços para acomodar as novas tecnologias desenvolvidas.

No Brasil, Renato Gama-Rosa Costa (2011) considera que o nascimento do hospital moderno ocorreu em meados do século XIX “na passagem do modelo hospitalar religioso para o modelo pavilhonar” (Ibidem, p.55). Essas edificações espelhavam-se nos modelos de construção europeus e acompanharam a suas transformações. No panorama da arquitetura moderna de saúde no Brasil, essas edificações seguiram os pressupostos modernos, como a racionalidade funcional, formal, projetual e construtiva, com a adoção de janelas em fita, planta livre, das superfícies de vidro, brise-soleils, a orientação de fachadas para uma boa ventilação e insolação, implantação de sistema estrutural livre e pilotis que são largamente empregados nos edifícios de saúde brasileiros.

Para compreendermos o valor da arquitetura moderna brasileira, especialmente a de saúde, devemos ir às primeiras narrativas históricas da arquitetura moderna brasileira, sobretudo aquelas introduzidas pioneiramente por Lúcio Costa e pelo grupo de arquitetos em torno dele, que se desenrolaram a partir da década de 1930, durante o primeiro governo de Getúlio Vargas. Essas narrativas se construíram paralelamente ao desenrolar dos acontecimentos, estando inseridas em um momento de tomadas de decisões políticas relacionadas à modernização e ao crescimento do Estado brasileiro, que, na época, tinha sede na cidade capital do Rio de Janeiro. Dentro desse contexto sócio-político-econômico se permitiu o fortalecimento de uma arquitetura pública, como instrumento e símbolo dessa modernização e das transformações sociais. Sendo a saúde pública um meio para a construção da nacionalidade por meio de um Estado centralizador e autoritário (AMORA, 2010).

Ana Albano Amora (op. cit.) cita que, segundo as palavras do Ministro da Educação e Saúde, Gustavo Capanema, pensava-se na importância da representação e poder dos prédios públicos destinados às repartições de seu ministério, devendo ser numerosos e adequados a seus usos. A autora afirma que apesar do Ministro não ter definido quais eram suas considerações sobre o que achava conveniente dentro dessas adequações, acredita que eram estética, estilo, funcionalidade e monumentalidade.

Noemia Fernandes (2006) descreve que, a partir dos anos de 1940, foram desenvolvidos inúmeros projetos oficiais e particulares em vários estados do país, no entanto, a

arquitetura carioca ainda era o núcleo propagador dessa modernidade, por meio de diferentes projetos, sejam residenciais, institucionais e até mesmo urbanísticos. Na década de 1950, a arquitetura produzida para o Estado se torna mais presente, por meio de projetos institucionais, habitacionais, de saúde, sendo um deles o Conjunto Sanatorial de Curicica, de Sergio Bernardes, a Cidade Universitária, de Jorge Moreira, o Conjunto do Pedregulho, de Reidy, entre outros. Até a década de 1960, segundo a autora, o país foi tomado por um espírito progressista, impulsionado por um idealismo de arquitetos, políticos, artistas e trabalhadores, que serviu de aporte para as novas condições de produção e industrialização, que se constituíram enquanto cultura arquitetônica nacional.

(...) uma peculiaridade do modernismo brasileiro: o fato de serem os mesmos intelectuais que se voltaram, simultaneamente, para a criação de uma nova linguagem estética – no sentido de ruptura com o passado – e para a construção de uma tradição – no sentido de buscar a continuidade. (FONSECA, 1997 apud FERNANDES, 2006, p.68).

Entendendo a partir daí a originalidade da arquitetura moderna brasileira, em particular a carioca, iremos discutir as questões de atribuição de valor que configurariam esta arquitetura como tendo valor patrimonial. Tomaremos como base a introdução dos conceitos de valor de Alois Riegl, historiador de arte vienense, em sua obra, *Der moderne Denkmalkultus - O Culto Moderno dos Monumentos* (1903). A obra, de fundamental importância acerca das questões relativas à tutela e conservação dos monumentos históricos. Aqui iremos descrever cada capítulo da obra a fim de compreender os tipos de valoração que podemos aplicar ao Sanatório de Curicica.

Sendo assim, ao examinarmos o primeiro capítulo, dentre os vários tipos de valor atribuídos aos monumentos, primeiramente é definido o que seja monumento, diferenciando os intencionais dos não intencionais. Para Riegl, “no senso mais antigo e verdadeiramente original do termo”, (1987, p.35) monumento é uma obra criada pela mão do homem com a intenção de conservar uma lembrança de maneira presente e viva na consciência das gerações futuras. Nesse sentido, como ressalta Françoise Choay (2001), em seu sentido original, o monumento se relaciona com a manutenção de uma memória coletiva de um povo, grupo, ou mesmo a sociedade.

A natureza afetiva do seu propósito é essencial: não se trata de apresentar, de dar uma informação neutra, mas de tocar, pela emoção, uma memória viva. [...] A especificidade do monumento deve-se precisamente ao seu modo de atuação sobre a memória. Não apenas ele a trabalha e a mobiliza pela mediação da afetividade, de forma que lembre o passado fazendo-o vibrar como se fosse presente. Mas esse passado invocado, convocado, de certa forma encantado, não é um passado qualquer: ele é localizado e selecionado para fins vitais, na medida em que pode, de forma direta, contribuir para manter e preservar a identidade de uma comunidade étnica ou religiosa, nacional, tribal ou familiar. (CHOAY, 2001, p.18)

A segunda parte do livro trata dos valores de rememoração e sua relação com o culto dos monumentos. São esses: o valor de Antiguidade, Histórico e Rememorativo Intencionado; valores ligados ao passado e à memória, ou seja, do que existiu e já não existe no presente. O valor de antiguidade se consagraria na sociedade de massas do nascente século XX com preponderância. Segundo Riegl, um valor de antiguidade se dá

inicialmente por uma aparência não moderna. O autor afirma que sua eficácia depende da preservação rigorosa da obra, incluindo suas marcas da passagem do tempo. Nessa categorização é valorizado o aspecto antigo devido à idade, as marcas da passagem e nos traços de decomposição do tempo e da natureza sobre o material constituinte da obra, denotando assim a sua existência ao longo dos séculos, lembrando-nos de nosso lugar no ciclo histórico, como elementos caracterizantes e definidores da antiguidade.

Segundo o autor, toda conservação de monumentos deveria contar com o valor de antiguidade, sem dispensar a validação simultânea dos outros valores, como os de rememoração e de contemporaneidade. Essa validade estabelece uma necessidade de comparação desses valores com o valor de antiguidade e deve-se preservar os primeiros se o valor de antiguidade for de menor importância (RIEGL, 1987, p.76).

Segundo Rocha e Tinem (2013), no que se refere ao seu valor ou preservação, a arquitetura moderna contraria o pensamento de Riegl, na medida em que esta veio a tornar-se patrimônio muito recente a sua produção, não permitindo um distanciamento temporal entre as obras e seu reconhecimento enquanto monumentos, o que, por consequência, não permitiu-lhes conferir o valor de antiguidade. Sendo ela, segundo os autores, “a principal razão da dificuldade do reconhecimento desse patrimônio pela sociedade em geral” (ROCHA e TINEM, 2013).

Quanto ao valor histórico, tratado a seguir, o autor afirma que se refere a uma criação da sociedade moderna, sendo o monumento histórico um objeto de um evento passado, localizado no tempo e no espaço. Até então, o que se conhecia por monumentos era, segundo o teórico, apenas os intencionais, entretanto, a partir do século XV, na Itália, as obras da Antiguidade Clássica passaram a ter sua valoração não apenas por serem memória e símbolo das sociedades gregas e romanas, mas também devido suas características artísticas e históricas. É a partir dessa mudança de pensamento que ocorre o despontar de um novo valor de rememoração (RIEGL, 1987, p.49), não mais aquele que remete à memória coletiva, mas ao valor histórico-artístico. O valor histórico, para Riegl, é:

(...) tudo aquilo que foi, e não é mais hoje em dia. No momento atual, nós acrescentamos ainda a esse termo a ideia de que aquilo que foi não poderá jamais se reproduzir, e que tudo aquilo que foi constitui um elo insubstituível e intransferível de uma cadeia de desenvolvimento. (RIEGL, 1987, p.37)

Um importante aspecto do valor histórico é de que, o culto, a contemplação do monumento não se esgota na constatação de sua ancianidade, mas também no que ele agrega ao conhecimento, um maior entendimento, mesmo que superficial, do estilo empregado e da época em que foi construído, implicando em um conhecimento histórico, mais técnico, e, portanto, “o prazer proveniente desse conhecimento não é um prazer imediato, ao contrário, é reflexivo e científico” (RIEGL, 1987, p.77). Para Choay (2011) o conceito de patrimônio histórico compreende:

(...) um bem destinado ao usufruto de uma comunidade que se ampliou a dimensões planetárias, constituído pela acumulação contínua de uma diversidade de objetos que se congregam por seu passado comum: obras e obras-primas das belas artes e das artes aplicadas, trabalhos e produtos de todos os saberes e savoir-faire dos seres humanos. (CHOAY, 2011, p. 11)

A partir disso, compreendemos a importância que o Sanatório de Curicica possui enquanto marco da Arquitetura Moderna de Saúde, tanto no ensino, como no campo profissional, mas também para a medicina enquanto expressão de uma forma de tratamento, e, sobretudo no contexto do evento histórico que foi a luta contra uma doença a nível nacional, apresentando aqui o resultado de uma busca de material de arquivos que corroboram para esta afirmativa.

Podemos observar nos noticiários de jornais (Figura 6) que, mesmo depois de 10 anos de sua construção, todas essas características são apontadas para descrever o Sanatório de Curicica, ressaltando sua grandiosidade. Consideramos que esse significado e monumentalidade da edificação pública de saúde permanecem na configuração de Curicica e são vistos dessa forma pelos meios de comunicação da época, o qual curiosamente foi inaugurado por Getúlio Vargas, em seu segundo mandato como presidente eleito.

Sendo assim, com base nessas considerações, há de compreender-se que, na valorização dessas edificações, especialmente no que se refere ao objeto de estudo o Sanatório de Curicica, há um valor simbólico intencionado na própria edificação, valor de rememoração, de compreensão da época do tratamento da tuberculose em todo país, sendo este um marco do que foi a inovação tecnológica, segundo noticiários, que relatavam seu pioneirismo na construção com concreto pré-moldado e por seguir as últimas tendências da arquitetura, sua monumentalidade quanto a ser um dos maiores conjuntos hospitalares do país (Figura 7). É também um registro de uma atuação de um campo profissional, dos arquitetos modernos, sendo um exemplar desse tipo de edificação, devendo ser preservado a fim de passar essas memórias para as futuras gerações.

Figura 6: Reportagem dos 10 anos da construção do Sanatório de Curicica, pelo Jornal "Luta democrática", em 1962.



Fonte: Hemeroteca BNDigital

Figura 7: Matéria do Jornal "A noite", de novembro de 1950, sobre o andamento da obra, perto de sua conclusão, relatado como um dos maiores conjuntos hospitalares do país.



Fonte: Hemeroteca BNDigital

Já o último dos valores de rememoração, para Riegl, o Valor Rememorativo Intencionado é o que mais se aproxima dos valores da contemporaneidade, na medida em que se remete à busca de um eterno presente e exige do monumento a condição de aspirar de forma vigorosa a imortalidade, o eterno presente, o permanente estado de gênese (RIEGL, 1987, p. 67). Esse valor é atribuído à obra quando esta foi construída para manter viva uma memória específica de um acontecimento, algo ou alguém enquanto monumento.

Chegando ao último capítulo, no âmbito dos valores de contemporaneidade, estes são divididos em dois tipos: valor de uso prático, ou apenas valor de uso; e o valor artístico, o qual se divide em valor de arte relativo e valor de novidade. No que se refere à valorização de uso, é necessário que o monumento atenda às necessidades materiais do homem. Choay contribui comentando que "Segundo Riegl, esse valor de uso é igualmente inerente a todos os monumentos históricos, quer tenham conservado seu papel memorial original e suas funções antigas, quer tenham recebido novos usos, mesmo museográficos". (CHOAY, 2001, p.169). Enquanto, o valor artístico, é aquele que deverá atender às necessidades do espírito. Em relação ao valor artístico relativo, o autor refere-se à capacidade que um monumento antigo mantém de sensibilizar o homem moderno. Entretanto, esse valor relativo não é eterno, pois está sujeito às mudanças de pensamento tanto individuais quanto de uma sociedade.

Sendo assim, Beatriz Kühl (2005) considera que o valor artístico de um monumento não é apenas rememorativo, mas um valor atual, de contemporaneidade, ainda que sejam monumentos antigos e possuam outras valorizações. No caso da arquitetura moderna, Rocha e Tinem (2013) consideram esse enquadramento da seguinte forma:

(...) toda obra do passado, em princípio, possui valor histórico, e tendo em conta a ausência do valor de antiguidade no patrimônio moderno, pode-se dizer então que os valores de contemporaneidade são aqueles que melhor caracterizam esse

encontra em bom estado de conservação. Isso se dá na ausência da pátina do tempo, em que conseqüentemente não se atrela a esta obra um valor de antiguidade justamente pelo seu aspecto de novo. Contudo, neste caso, de qualquer maneira, as marcas do tempo promovidas por essa pátina não se mostram benéficas nas edificações modernas, pois ao contrário do aspecto romântico que dão às ruínas, por exemplo, nas edificações modernas, elas passam uma a sensação de degradação e precariedade da conservação da obra.

Entretanto, quando se refere às intervenções feitas em edificações de arquitetura moderna, Marta Cristina F. B. Guimarães (2016) discorre que, no intuito de realçar a imagem de algo novo, recém-feito, “recorre-se erroneamente a reconstruções, quase totais, e repristinações” (GUIMARÃES, 2016, p.20). Portanto, a autora acrescenta que, tanto o valor de antiguidade, como o de novidade não se aplicam à arquitetura moderna, explicando que, as transformações tecnológicas e das demandas da sociedade contemporânea tornaram muitas das edificações do período moderno obsoletas, impondo a adequação de suas funções e seus usos.

O uso contínuo foi um fator importante para a sua preservação - uma vez que a perpetuação do uso evita o abandono e, por conseguinte, a degradação -, mas simultaneamente mostrou-se prejudicial, uma vez que é preciso pensar na atribuição de uso adequado ao edifício, acomodando-se ao que ele oferece e intervindo o mínimo necessário, e não o inverso, intervindo drasticamente no edifício para que ele então atenda ao esperado. A necessidade da adaptação aos novos programas e às normas contemporâneas de dimensionamento, acessibilidade, conforto térmico e sustentabilidade ocasionou a massiva reconfiguração interna desses edifícios. Ato esse que levou não somente à perda de seus layouts, mas também de suas características arquitetônicas e soluções técnicas originais. Perde-se, portanto, um importante registro da evolução arquitetônica e tecnológica do período. (GUIMARÃES, 2016, p.21)

Já para Paula Mello Oliveira Alquati e Célia Helena Castro Gonsales (2008), dentro desses valores apresentados por Riegl, a arquitetura moderna possuiria um caráter memorial, atuando de maneira rememorativa enquanto patrimônio cultural e social e considerando a categoria de “(...) valor histórico, o movimento moderno representou uma etapa específica na evolução de um campo criativo da humanidade, o da criação da Vanguarda Moderna.” (ALQUATI; GONSALES, 2012).

Assim, segundo as definições de Riegl, o monumento histórico não concebido como tal, mas sim reconhecido posteriormente por um olhar especializado, seja de um historiador ou de um conhecedor das artes, como um testemunho histórico, mesmo não tendo sido seu propósito inicial o memorial, tem valor histórico. A arquitetura moderna enquanto um objeto remete a um espírito de sua época, de um momento de ruptura com os modelos tradicionais, por meio de seus princípios edificados, materializados em suas construções, como a racionalidade e sua universalidade, são alguns dos conceitos que os monumentos modernos assumem como função representativa (GONSALES, 2008).

Segundo a mesma autora (op.cit.), quando falamos da história da preservação do patrimônio moderno, a questão da atribuição do juízo de valor de monumentos históricos está intrinsecamente ligada às características de exemplaridade e excepcionalidade do bem patrimonial.

Sendo esta definição da exemplaridade do objeto, principalmente quando este é moderno, uma questão sempre envolta de polêmica. Isso se dá por que a construção de juízos ocorre a partir do pensamento crítico e da teoria da arquitetura e suas implicações

práticas e das constantes mutações ao longo do tempo e de novas contextualizações. Quando falamos de juízo de valor, este se encontra mais evidente na área patrimonial, uma vez que as ações referentes à preservação dos bens patrimoniais implicam em uma análise do objeto e de um juízo de valor apresentado. Sob esta ótica, patrimônio:

(...) é o conjunto das obras do homem nas quais uma comunidade reconhece os seus valores específicos e particulares e com os quais se identifica. A identificação e a valorização destas obras como patrimônio é, assim, um processo que implica a selecção de valores. (Carta de Cracóvia, 2000)

Para elucidar a questão contribui Fernando Diniz Moreira (2011) ao apontar que ao aprofundarmos o entendimento dos juízos de valor para a arquitetura moderna, observamos que esta é parte fundamental do patrimônio cultural do século XX, sendo, assim, necessário à sua preservação para as novas gerações. Os valores deste patrimônio residem não apenas em sua materialidade, mas, sobretudo na forma como estes objetos foram articulados na criação do espaço. Diz o autor:

A arquitetura moderna foi fruto de uma era marcada pelo advento da ciência, da produção em massa, das novas democracias, da industrialização, do crescimento desmesurado das cidades, dos novos meios de transporte, de novas demandas e de novos tipos de edifícios. Após estabelecer seu programa e suas formas essenciais nos anos 1920, a arquitetura moderna foi transplantada para regiões que não eram urbanas e industriais e que estavam longe de um processo de reforma social. Ela teve de lidar com a diversidade: diversidade de programas, de lugares e de culturas. Seus aspectos universalizantes tiveram de dialogar com heranças históricas, práticas vernaculares de construção e continuidades clássicas (MOREIRA, op.cit, p.4).

Diz ainda que: “Esta diversidade é hoje entendida como uma importante herança cultural do século XX” (Maxwell, 1998, p. XV. Apud MOREIRA, idem, p.4).

Assim, retomamos Gonsales (2008), que colabora com essa afirmativa ao afirmar, que a investigação das concepções que dão suporte ao projeto arquitetônico, das características referentes a aspectos particulares e contingentes como o programa, o lugar e a construção definem o grau de modernidade da obra e indica sua importância dentro da história como vetor de conhecimento da disciplina de arquitetura.

O SANATÓRIO COMO LUGAR DE MEMÓRIA DA SAÚDE

A relação do lugar com a história é um ponto importante para a compreensão e estudo do patrimônio cultural da saúde e sua inserção na cidade (AMORA, COSTA, 2010). Uma vez que se trata da preservação de um bem patrimonial e cultural, é necessária a compreensão dos conceitos relativos ao uso destes determinados espaços, e sua relevância enquanto Lugares de Memória, termo que encontramos na obra do historiador francês Pierre Nora (1993). Nesta se descreve que certos espaços e temporalidades são reconhecidos por determinados grupos de uma sociedade, atribuindo-se a eles valor, na medida em que remetem a uma memória coletiva, de um passado comum e de uma identidade social, fazendo com que este grupo se sinta parte dele, pertencendo a um espaço que remete a história de todos (TOMAZ, 2010).

O estudo do patrimônio cultural busca promover a valorização daquilo que é comum a um determinado grupo social de um determinado tempo e espaço. Segundo Paulo Cezar Tomaz (2010), esse patrimônio pode ser compreendido a partir de três grandes categorias; sendo a primeira relacionada aos elementos do meio ambiente, pertencentes à natureza; a segunda referente ao conhecimento, técnicas, o saber e ao saber-fazer; e a terceira reúne em si artefatos e construções resultantes das relações entre o homem e

o meio, do saber-fazer humano, ou seja, tudo aquilo produzido pelo homem que venha a transformar os elementos da natureza, adequando-os ao seu bem-estar. Ao se referir ao Patrimônio Histórico, Françoise Choay (2001) traz a seguinte definição:

A expressão que designa um bem destinado ao usufruto de uma comunidade que se ampliou a dimensões planetárias, constituído pela acumulação contínua de uma diversidade de objetos que se congregam por seu passado comum: obras e obras-primas das belas artes e das artes aplicadas, trabalhos e produtos de todos os saberes e savoir-faire dos seres humanos. Em nossa sociedade errante, constantemente transformada pela mobilidade e ubiquidade de seu presente, “patrimônio histórico” tornou-se uma das palavras-chave da tribo midiática. Ela remete a uma instituição e a uma mentalidade. (CHOAY, 2001, p.11)

Choay (op.cit) entende que essa concepção do que é o patrimônio histórico precisa ir além da perspectiva de ser apenas uma coleção de objetos estáticos, pois os monumentos estão ligados a uma temporalidade, à memória e ao saber. Para a autora, os monumentos possuem em seu propósito uma natureza afetiva, na qual não há uma neutralidade, mas sim o toque pela emoção, uma memória viva “tudo o que for edificado por uma comunidade de indivíduos para rememorar ou fazer outras gerações de pessoas rememorem acontecimentos, sacrifícios, ritos ou crenças” (CHOAY, 2001, p.18). Sendo assim, é preciso compreender que estes elementos deverão estar embasados em processos sociais mais amplos, que envolvem conhecimentos complexos, que permitam uma contextualização de sua avaliação, sendo estes históricos, sociológicos, antropológicos, entre outros.

Portanto, essa noção do patrimônio histórico, deve conjurar as diferentes dimensões culturais enquanto imagens de um passado presente, que se mantém vivo, merecendo ser lembrado e mantido na memória. Para isso, devem ser preservados na medida em que dentro de uma diversidade são coletivamente significativos. Entretanto, de forma contraditória, quando se fala em patrimônio histórico, o que se evoca é uma imagem estática do passado, estando ali apenas como testemunho de uma herança coletiva, não presente no cotidiano. Contudo, preservação da memória não implica apenas na conservação dessas relíquias, mas, sobretudo “à preservação de toda uma história, todo um caminho percorrido pela sociedade, desde seus tempos mais remotos até aos dias de hoje, interligando-os pela sua importância nesse processo de contínuo movimento e constante transformação” (TOMAZ, 2010, p.4).

Sendo assim, a arquitetura por se configurar enquanto espaço construído dentro de um determinado recorte histórico e social, podendo ser compreendida como alicerce memorial para a investigação de determinados contextos histórico-sociais, pelas suas qualidades funcionais, estéticas e sua localização na espacialidade da cidade (Figura 11), se constitui como um verdadeiro documento (AMORA, COSTA, 2010). Desta forma, as edificações poderiam possuir o caráter de monumento, observando-se ainda que se pode entendê-los como “aquilo que pode evocar o passado” e como algo que possa atuar para “perpetuar a recordação” (LE GOFF, 1996, 535 Apud AMORA, 2010). Portanto, segundo Eliara Beck Souza (2015):

Quando a arquitetura se torna um suporte da memória e a história dela se apropria, conferindo-lhe autenticidade, ela se torna um bem cultural elencado pelo patrimônio. Ao ser preservado, o bem se converte no registro dessa memória e como tal, portador de informação, um monumento-documento. (SOUZA, 2015, p.25)

Figura 11: Demarcação do terreno e análise de entorno imediato do relatório do processo de tombamento, de 2017.



Fonte: Processo de Tombamento nº 12/003.427/2003 – Consulta realizada em 14 de julho de 2017 por Thaysa Malaquias.

Isto é, um registro materializado na própria edificação. Referindo-se ao Patrimônio Arquitetônico de Saúde, vale acrescentar que, em sua maioria, estas edificações mantêm seu uso original, e são documentos vivos que nos permitem compreender a história do campo da saúde e da cidade (AMORA, 2010). Apesar de ser acusado de estar preocupado com apenas com cidade construída do zero, este trecho da Carta de Atenas de Le Corbusier (1933), pode ser considerado para se conferir o papel de legado a esse patrimônio:

A vida de uma cidade é um acontecimento contínuo, que se manifesta ao longo dos séculos por obras materiais, traçados ou construções que lhe conferem sua personalidade própria e dos quais emana pouco a pouco sua alma. São testemunhos preciosos do passado que serão respeitados, a princípio por seu valor histórico ou sentimental, depois porque alguns trazem uma virtude plástica na qual se incorporou o mais alto grau de intensidade do gênio humano. Eles fazem parte do patrimônio humano, e aqueles que os detêm ou são encarregados de sua proteção, têm a responsabilidade e a obrigação de fazer tudo o que é lícito para transmitir intacta, para os séculos futuros, essa nobre herança. (LE CORBUSIER, 1993).

Com estas considerações, o Conjunto Sanatorial de Curicica se caracterizaria como um Lugar de Memória da Saúde, ou seja, um ponto, um lugar materializado em bens patrimoniais relacionado às reformas e novas medidas empreendidas no sistema de saúde pública entre as décadas de 1940 e 1950, mas também de grande importância para a Arquitetura de Saúde e como também para a Arquitetura Moderna Brasileira Carioca, que marca um momento de construção desse subcampo profissional, sendo uma referência histórica da atuação dos arquitetos modernos no combate de uma doença que assolava o país.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Enquanto patrimônio moderno, considerando as afirmações de Alois Riegl (1903), o complexo sanatorial analisado possuiria valor rememorativo histórico por sua arquitetura e representatividade dos ideais e princípios de sua época. Assim, a partir do entendimento dos critérios de valor estabelecidos por Riegl (op. cit.), podemos identificar para o Sanatório de Curicica possibilidades de juízos de valor como: 1) A edificação: como o resultado de um processo social, no contexto de como o edifício fez parte de um marco da luta nacional contra a tuberculose por meio da CNCT. 2) Como síntese de valores e concepções culturais e estéticas, com importante contribuição para a reprodução de princípios de racionalidade projetual e construtiva na arquitetura moderna hospitalar, bem como pela fruição dos percursos sendo um exemplo para o estudo deste campo da arquitetura.

O reconhecimento dos valores desta edificação como monumento moderno e sua importância para os estudos de arquitetura, poderá ser um subsídio importante para fundamentar o processo de tomada de decisões sobre as novas demandas e sobre o futuro dessas edificações.

Com tais considerações, pode-se dizer que o Conjunto Sanatorial de Curicica se caracteriza como um Lugar de Memória da Saúde, ou seja, um ponto, um lugar materializado em bens patrimoniais relacionado às reformas e novas medidas empreendidas no sistema de saúde pública entre as décadas de 1940 e 1950, mas também de grande importância para a Arquitetura de Saúde e como também para a Arquitetura Moderna Brasileira Carioca, que marca um momento de construção desse subcampo profissional, sendo uma referência histórica da atuação dos arquitetos modernos no combate da tuberculose.

Compreendendo isto, podemos aferir o legado que ele representa tanto como marco de uma luta nacional contra uma doença a nível nacional, quanto também como um importante vetor de conhecimento para a disciplina da arquitetura, principalmente a hospitalar. Por se tratar de um complexo hospitalar da arquitetura moderna, torna-se imprescindível entender suas características, considerando o próprio Sanatório de Curicica como um documento de uma forma de se fazer arquitetura moderna e sanatorial, além de ser o testemunho da dimensão que teve a Campanha Nacional Contra a Tuberculose.

Concluimos que essa arquitetura se configura enquanto espaço construído dentro de um determinado recorte histórico e social, “podendo ser compreendida como alicerce memorial para a investigação de determinados contextos histórico-sociais, pelas suas qualidades funcionais, estéticas e sua localização na espacialidade da cidade” (AMORA, COSTA, 2010), se constituindo, assim, como um verdadeiro documento da Arquitetura Moderna de Saúde.

AGRADECIMENTOS

Agradecemos à instituição Capes pelo financiamento desta pesquisa, ao Acervo DAD-Fiocruz e Biblioteca Nacional pela disponibilização de documentos e fotos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALQUATI, P. M. O.; GONSALES, C. H. C. A Arquitetura Moderna, o Patrimônio e os valores: Histórico e Artístico Relativo. **Revista Memória em Rede**, v. 2, p. 1-6, 2012.

AMORA, Ana M. G. Albano. Transformaciones sociales y urbanas para la región de la baixada de Jacarepaguá, y los desafíos del paisaje cultural frente a los nuevos corredores

de transporte de masas. In: **Memoria SAL – Seminario Arquitectura Latinoamericana**. Fundacion Rogelio Salmon. Bogotá, 2014.

AMORA, Ana M. G. Albano, COSTA; Renato Gama-Rosa. Lugares de memória da saúde no Centro do Rio de Janeiro. In: I ENANPARQ, *Arquitetura, Cidade, Paisagem, Território: percursos e perspectivas*, 2010, Rio de Janeiro. **Anais do I ENANPARQ**. Rio de Janeiro: Editora PROURB, 2010.

AMORA, Ana M. G. Albano. **O engenheiro e o hospital moderno – a vanguarda de Vicente Licínio Cardoso para a moderna arquitetura hospitalar no Brasil**. III ENANPARQ - Encontro da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-graduação em Arquitetura e Urbanismo - arquitetura, cidade e projeto: uma construção coletiva, 2014, São Paulo. **Anais III ENANPARQ** (essa parte em negrito). São Paulo, 2014.

BITTENCOURT, Tania Maria Mota. **Peste Branca - arquitetura branca: os sanatórios de tuberculose no Brasil na primeira metade do século vinte**. Dissertação (Mestrado) - Escola de Engenharia de São Carlos, Universidade de São Paulo, São Carlos. 2000.

CARTA DE CRACÓVIA 2000 – **Princípios para a Conservação e o Restauro do Patrimônio Construído**, Cracóvia 2000. Disponível em: <http://www.patrimoniocultural.pt/media/uploads/cc/cartadecracovia2000.pdf/>.

COLOMINA, Beatriz. X-Ray Architecture: Illness as Metaphor. **Positions**, 2008, pp. 30–35. JSTOR, JSTOR, www.jstor.org/stable/25835085.

COSTA, Renato da Gama-Rosa. Hospital Municipal Raphael de Paula Souza (verbete) IN: PORTO, Ângela et al. **História da saúde no Rio de Janeiro: instituições e patrimônio arquitetônico – Rio de Janeiro (1808-1958)**. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz; 2008e.

COSTA, Renato da Gama-Rosa. **Patrimônio Moderno da Saúde e os Desafios Para a sua Valorização – O exemplo do Rio de Janeiro**. Disponível em: <<http://www.docomomo.org.br/seminario%208%20pdfs/160.pdf> >

CHOAY, Françoise. **A alegoria do patrimônio**. São Paulo: Editora Unesp, 2001.

CHOAY, Françoise. **O patrimônio em questão: antologia para um combate**. São Paulo: Fino Traço, 2011.

FERNANDES, Noemia Lucia Barradas. **Arquitetura escolar carioca: edificações construídas entre 1930 e 1960**. Dissertação (Mestrado em Ciências da Arquitetura) – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Programa de Pós-graduação em Arquitetura, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2006.

GONSALES, C. H. C. **A preservação do patrimônio moderno: Critérios e valores**. In: 2º Seminário DOCOMOMO N- Ne, 2008, Salvador. *Desafios da Preservação: referências da arquitetura e do urbanismo modernos no Norte e no Nordeste*. Salvador, 2008.

GUIMARÃES, Marta C. F. B. **Patrimônio moderno e delito: duas casas de Affonso Eduardo Reidy**. Dissertação (mestrado em Arquitetura) – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Programa de Pós-Graduação em Arquitetura, Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2016.

KÜHL, Beatriz Mugayar. História e ética na conservação e na restauração de monumentos históricos. **Revista do IEEE América Latina**, São Paulo, v. 1, n.1, p. 1-11, 2005.

LE CORBUSIER. **A Carta de Atenas**. Tradução Rebeca Scherer. São Paulo: EDUSP, 1993.

MOREIRA, Fernando Diniz. Os desafios postos pela conservação da arquitetura moderna. **Revista CPC (USP)**, v. 11, p. 152-187, 2010.

NASCIMENTO, Dilene Raimundo do; COSTA, Renato da Gama-Rosa; PESSOA, Alexandre; MELLO, Estefânia Neiva de. O sanatório de Curicica. Uma obra pouco conhecida de Sérgio Bernardes. Seção **Arquitextos**. Disponível em: <http://www.vitruvius.com.br/arquitextos/arq026/arq026_02.as>.

NORA, Pierre. "Entre a memória e a história: a problemática dos lugares". In: **Projeto História**: Revista do Programa de Estudos de Pós-Graduação em História e do Departamento de História da PUC-SP, n. 10, dez, 1993 (p.7 a 28).

RIEGL, Alois, **El culto moderno a los monumentos**: caracteres y origen. Tradução de Ana Pérez López, 1 ed. Madrid : Visor, La balsa de la Medusa, 1987.

ROCHA, Mércia Parente, TINEM, Nelci. **O patrimônio arquitetônico moderno: reflexões sobre conservação**. In: Arqimemória 4 - Encontro internacional sobre preservação do patrimônio edificado. Salvador, 2013.

SEGRE, Roberto. Hospitais. Arquitetura da linha da sombra. Reflexão acerca do papel da arquitetura hospitalar na história mundial. **Resenhas Online**, São Paulo, n.12.134.02,Vitruvius,fev.2013

<<http://www.vitruvius.com.br/revistas/read/resenhasonline/12.134/4607>>

SOUZA, Eliara Beck. **Do Asilo de Mendicidade ao Hospital São Francisco de Assis: a cidade e a saúde (1876/1922)**. Dissertação (mestrado) - Universidade Federal do Rio de Janeiro, Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Programa de Pós-Graduação em Arquitetura, 2015.

TOMAZ, Paulo Cesar. A preservação do patrimônio cultural e sua trajetória no Brasil. Fênix – **Revista de História e Estudos Culturais**. Maio/ Junho/ Julho/ Agosto de 2010 Vol. 7. Ano VII no 2. ISSN: 1807-6971. Disponível em: www.revistafenix.pro.br